

# **Evangelistas Acorrentados**

**Evangelistas Acorrentados**

foi publicado originalmente no inglês sob  
o título *Evangelistas In Chains*  
por Elizabeth Wagler© pela  
Rod & Staff Publishers, Inc.  
Crockett, Kentucky 41413 – EUA  
e traduzido para o português pela  
Publicadora Menonita  
C.P. 105  
75901-970 Rio Verde – GO  
com autorização expressa e exclusiva da  
Rod & Staff Publishers, Inc.

**RESERVADOS TODOS OS DIREITOS**

Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma — seja mecânico, eletrônico ou mediante fotocópia, gravação, etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da Publicadora Menonita.

Esta edição de Evangelistas Acorrentados  
foi publicada pela  
Literatura Monte Sião  
com autorização expressa da  
Publicadora Menonita

# Evangelistas Acorrentados

por  
**Elisabeth Wagler**

**Tradução**  
**Charles David Becker**

Literatura Monte Sião  
Caixa Postal 241  
18550-970 Boituva – SP

Fone: 015 3264 1402

[www.lmsdobrasil.com.br](http://www.lmsdobrasil.com.br)

e-mail: [info@lmsdobrasil.com.br](mailto:info@lmsdobrasil.com.br)

2009



Este livro foi escrito  
em memória  
dos santos irmãos  
de tempos passados  
que sacrificaram tudo  
para poder  
seguir a Cristo

e

como desafio  
para os irmãos de hoje  
e de amanhã  
de consagrar suas vidas  
a Deus  
sem nenhuma reserva.

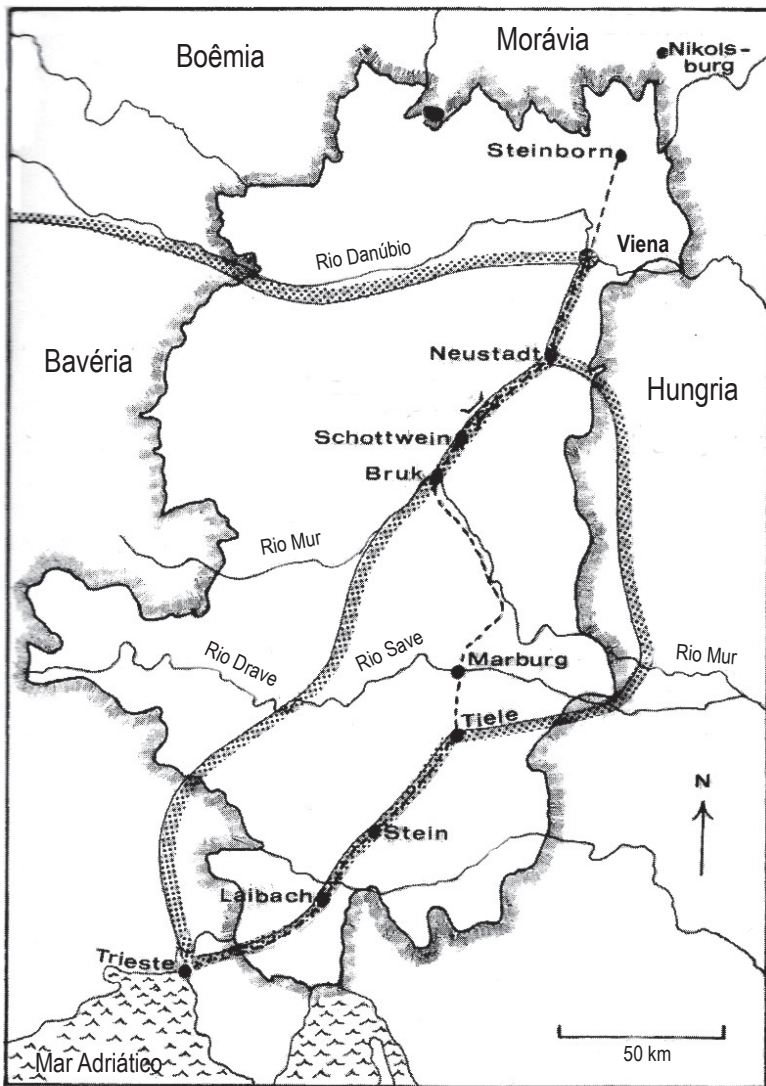
# Índice

Na marcenaria . . . . .	11
Espadas ou relhas de arado . . . . .	25
Pedro sonha com o futuro . . . . .	35
Uma história para Maria antes de deitar . . . . .	49
A conferência . . . . .	73
O castelo . . . . .	83
No calabouço . . . . .	95
Um calabouço, uma catedral . . . . .	107
Santos na prisão . . . . .	119
Fazendo parte da irmandade . . . . .	139
A inquisição . . . . .	151
Soldados ou escravos? . . . . .	159
Dias escuros de inverno . . . . .	179
Adeus ao castelo de Falkenstein . . . . .	201
A caminhada para o mar . . . . .	219
A audiência em Viena . . . . .	239
Chega uma carta . . . . .	257
Evangelistas acorrentados . . . . .	267

Anunciando o evangelho . . . . .	283
Alfonso . . . . .	301
Acontecimentos em Carniola . . . . .	319
Rumo ao mar . . . . .	337
Nosso Deus, a quem nós servimos, pode livrar-nos . . . . .	351
Epílogo . . . . .	369



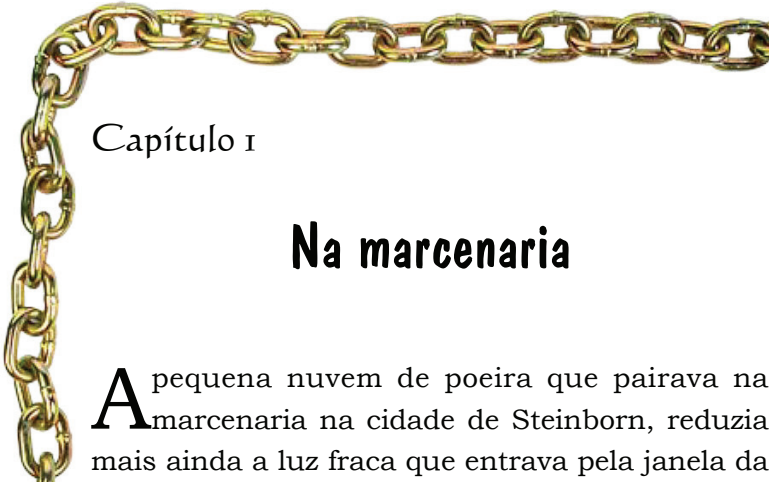
## O império Habsburg (Áustria) em 1539



..... Principais rotas comerciais

- - - - - Rota dos evangelistas acorrentados





## Capítulo I

# Na marcenaria

**A** pequena nuvem de poeira que pairava na marcenaria na cidade de Steinborn, reduzia mais ainda a luz fraca que entrava pela janela da frente. O cheiro gostoso de madeira serrada difundia-se no ambiente. Entre outros sons típicos de um lugar desses, ouvia-se o barulho dos martelos, dos serrotes, das plainas e da lixa usada no acabamento final dos móveis.

No meio da sala, sentado num banquinho baixo, um jovem lixava a perna de uma cadeira. Aos seus pés estava um monte de peças de cadeira, todas esperando uma lixada final.

O jovem, Pedro Hans, examinou a peça à luz do sol, depois passou a ponta dos dedos na madeira. Satisfeito com a qualidade da peça, levantou-se do banquinho e a levou para onde dois senhores de idade estavam montando cadeiras.

— Mais serviço para vocês — ele disse, entregando-lhes a peça que acabara de lixar.

— Está bem — disse Cornélio, um dos homens, pegando uma cavilha curta que segurava entre os dentes e encaixando-a num furo que fizera no fundo de uma cadeira, pois ainda não se usava parafusos para juntar as peças.

Pedro ficou olhando enquanto Jacó, o mais velho dos

dois homens, fazia outros dois furos. Assim que terminou, seu companheiro colocou uma cavilha em cada e bateu-as ligeiramente com o martelo até encaixarem. Era fascinante ver uma cadeira “nascer”. Ao lado dos homens havia uma cadeira já pronta. Embora simples, era uma obra de arte, cada peça com um acabamento perfeito. Pedro sabia perfeitamente as muitas horas que se gastavam para fazer uma peça destas. Ele sonhava com o dia em que ele também poderia montar cadeiras, mesas, armários e bancos, que eram a especialidade da marcenaria de seu pai. Mas até aí...

Jacó olhou para Pedro, que neste instante passava a mão no encosto trabalhado de uma cadeira pronta.

— É bom você pegar no serviço de novo. Senão, agora mesmo vamos ficar sem peças prontas.

Suspirando fundo, Pedro voltou para seu banquinho, sentou-se e começou a lixar outra peça. Sem parar de lixar, olhou para a janela onde seu pai, conhecido como Pedrão Hans, estava trabalhando num torno. Com seus muitos anos de experiência e mãos hábeis, um pedaço de madeira rapidamente estava se transformando numa peça linda que faria parte de uma cama. Um rapaz de uns 14 anos de idade estava fazendo girar a peça através de uma manivela que tocava numa das pontas do torno.

Vendo isso, Pedro se consolava. “Pelo menos fiquei livre daquele serviço chato”, pensou, satisfeito de pelo menos estar lixando.

Durante algum tempo, os únicos barulhos a serem ouvidos foram os das ferramentas sendo usadas e a voz baixa dos operários falando entre si.

O tinido de um pequeno sino em cima da porta anunciou a chegada de um freguês. Todos pararam de trabalhar momentaneamente para ver de quem se tratava. Na

porta aberta viram um homem de meia-idade, vestido com roupa de frio. Pedrão colocou de lado sua ferramenta e foi até a porta para cumprimentar o homem. O jovem que movimentava o torno se sentou num banquinho para descansar, satisfeito pela interrupção inesperada.

— Boa tarde, Sr. Blötter — disse Pedrão com voz amistosa.

— E um bom dia para você também. Que frio, hein! — respondeu o recém-chegado, batendo os pés no chão para tirar a neve de suas botas.

— De fato, e parece que o tempo não vai esquentar tão cedo — concordou Pedrão.

Tremendo de frio, o Sr. Blötter disse:

— Quem sabe se esta neve continuar durante mais um dia ou dois, o sol sairá de novo. Para quem tem que trabalhar fora, como eu, este tempo frio e úmido acaba com a gente.

— Este frio é típico para o início do mês de dezembro aqui no nordeste da Áustria. Mas, pensando bem, Deus sabe exatamente o que nós precisamos. Ele manda as nuvens para que valorizemos mais o tempo bom.

— De fato. Mas a minha vinda aqui é para acertar aquele serviço que você fez para mim.

Todos naquela marcenaria conheciam o Sr. Blötter, que cortava madeira na floresta e a vendia em Steinborn, onde morava. Ouviram com atenção a conversa entre ele e seu patrão.

Enquanto contava o dinheiro para o pagamento, comentou:

— Minha esposa ficou encantada com aquele armário que vocês fizeram para nós. Seu serviço ficou ótimo. Estamos muito satisfeitos.

— Obrigado — disse Pedrão humildemente.

Abaixando a voz, o Sr. Blötter disse:

— Sabe de uma coisa? Quando vocês vieram para cá há três anos, o sacerdote nos advertiu a não fazer qualquer tipo de negócio com vocês.

— Mesmo! — Exclamou Pedrão, apesar de já desconfiar disso.

— Sim, ele nos disse que vocês são incrédulos, pagãos, inimigos da verdadeira igreja. Ele tem certeza de que vocês estão conspirando contra o rei!

Com um pequeno sorriso, Pedrão perguntou:

— E você acreditou no que ele disse?

O homem confessou francamente:

— Sim. Eu acreditei. Afinal de contas, tudo que o sacerdote diz para nós é a última palavra. Mas...e é isso que não entendo...

Agora se mostrou confuso:

— Já passaram três anos e nem sequer uma palavra vocês falam contra o rei, e muito menos estão conspirando contra ele. Eu fiquei sabendo através de alguns de meus vizinhos que vocês trabalham muito bem e cobram um preço justo. Meu irmão, que não tem medo de ninguém, pediu que um do seu grupo, que é ferreiro, fizesse uma relha para seu arado. Ele ficou muito satisfeito e andou contando para todo mundo. Por isso eu resolvi trazer este serviço para vocês. Logicamente, o sacerdote não está dos mais satisfeitos, mas ultimamente está falando até pouco.

— Cristo nos ensinou que devemos viver em paz com Deus e com o próximo. Nós não temos o mínimo desejo de prejudicar alguém, e muito menos o rei. Acreditamos que devemos obedecer a todas as suas leis, desde que não entrem em choque com as leis de Deus.

— Bem, de uma coisa podem ter certeza: Eu vou fazer uma boa propaganda para vocês entre os meus vizinhos — ele disse, abotoando seu sobretudo para enfrentar o frio novamente.

Pedrão foi com ele até a porta.

— Meu amigo, você não gostaria de ler as palavras de Jesus? Tenho aqui...

O Sr. Blötter deu um saltinho de susto. Com os olhos cheios de medo, olhou no rosto bondoso do marceneiro. Dando um passo para trás, levantou sua mão, como se quisesse que Pedrão não dissesse mais nada.

— Ah...não...não. Creio que não. Como você sabe, somente o sacerdote pode interpretar a Palavra de Deus. Para a gente que não é sacerdote é pecado ler a Bíblia.

Nisso ele pegou na maçaneta da porta.

— Mas você tem certeza de que tudo que o sacerdote lhe diz é verdade? — Perguntou o marceneiro.

Com voz trêmula o homem disse:

— Deve ser, pois os sacerdotes passam muitos anos estudando no seminário. Pelo sim, pelo não, prefiro não ler a Bíblia ou qualquer literatura sobre estas coisas.

Com isso, abriu a porta e saiu no frio sem olhar para trás.

Com passos lentos, Pedrão voltou para o torno. O rapaz pulou do banco onde estava sentado e começou a girar a manivela do torno novamente. Seu patrão pegou numa ferramenta e logo a serragem branca estava caindo no chão.

— Ninguém daqui nunca aceitou um dos nossos folhetos? — perguntou Jacó, falando alto por causa do barulho da oficina.

— Que eu saiba, não — respondeu Pedrão, sem tirar seus olhos do serviço que estava fazendo.

— Cada vez mais estão procurando os serviços dos nossos irmãos...mas é interessante como têm medo da mensagem do evangelho — completou Jacó.

Agora foi a vez de Cornélio:

— Parece que o sacerdote os mantém hipnotizados. Estão convictos de que alguma coisa lhes vai acontecer se desobedecerem à orientação do sacerdote.

— Tenho certeza de que se fossem ler as Escrituras ou ouvir a nossa doutrina, compreenderiam o quanto a religião deles é falsa. Estão nas trevas, mas não querem que Jesus ilumine seu caminho — disse Jacó.

Pedro desejava do fundo do coração que os moradores de Steinborn abraçassem a verdadeira fé e encontrassem “a paz que excede todo entendimento”, como diz a Bíblia. Oferecer literatura para um dos moradores, como seu pai acabara de fazer, poderia trazer consequências nada agradáveis para eles.

Depois que mudaram para Steinborn, todo o serviço na marcenaria havia sido para os próprios irmãos, que eram em torno de duzentas pessoas.

O grupo havia conseguido trazer pouquíssimas coisas em sua fuga da Morávia. Ao chegarem, sua primeira providência fora de alugar algumas casas do Lorde Funfkirchen, o barão que mandava no vale. Depois de reformá-las, os carpinteiros fizeram mais algumas casas simples de madeira.

Durante o primeiro inverno, Pedrão Hans, Jacó, Cornélio e uma dúzia de voluntários fizeram móveis básicos para o grupo todo. Foram produzidos guarda-roupas, camas, berços, mesas e cadeiras.

Havia entre o grupo uma diversidade de profissões, inclusive tecelões, alfaiates, sapateiros, oleiros, professores

e até médicos. Os agricultores trabalhavam nas lavouras e cuidavam dos rebanhos.

Devido à sua fama de hereges e de serem conhecidos pelo nome nada popular de “anabatistas”, os moradores daquele lugar os evitavam o máximo possível. Apesar da tolerância do Lorde Funfkirchen, que parecia estar satisfeito com a presença deste pessoal trabalhador da Morávia em seu vale, o fato de que não frequentavam a igreja cuja torre alta se via por cima do telhado das casas, criava uma desconfiança e uma barreira invisível com os demais moradores.

Como o sr. Blötter havia dito, foi somente durante os últimos poucos meses que as pessoas começaram a prestigiar seus comércios.

Os irmãos estavam ansiosos para arrumar mais serviço, já que com o dinheiro que ganhavam poderiam mandar socorro para outros irmãos que estavam passando por grandes dificuldades financeiras. Mas não queriam que o contato com seus vizinhos fosse apenas material. Devido ao seu espírito missionário, queriam compartilhar com eles a graça salvadora de Jesus Cristo, para tirá-los da ignorância, superstição e escravidão espiritual de um sistema religioso corrupto.

Os pensamentos de Pedro foram interrompidos pelo tinido do sino da porta. Olhando para a porta, viu um rapaz alto e magro entrando.

Que bom! Era André. Agora o tempo passaria mais rápido. Com 22 anos, três anos mais velho que Pedro, os dois eram amicíssimos.

Enquanto se dirigia ao canto onde Pedro trabalhava, os outros funcionários o cumprimentavam. Esta visita era um acontecimento diário. O jovem deu uma olhada no serviço que seu amigo estava fazendo.

— Você não pára de soltar poeira no ar, hein?

— Não paro mesmo. Se alguém me pagasse pela poeira que solto, seria um homem rico — Pedro respondeu, mexendo com o pé na poeira grossa que cobria o chão onde trabalhava.

Pegando uma das peças feitas no torno por seu pai, André disse:

— Algum dia você será um grande marceneiro como seu pai. Ele deve ter passado muitos dias girando a manivela do torno e lixando peças quando tinha a sua idade.

Pedro balançou a cabeça, concordando com as palavras de seu amigo.

— Para falar a verdade, eu gosto deste serviço, de ver uma peça áspera ficar lisinha, lisinha... O duro é que o serviço é muito repetitivo e às vezes a gente cansa... — ele disse, olhando para um monte de peças que ainda precisavam ser lixadas.

— Espere aí, vou pegar a minha caixa de enxoval e colocar perto de você, para nós conversarmos.

Depois de André arrastar a caixa de enxoval para onde Pedro estava trabalhando, este disse:

— É, se a Brígida não gostar, você está enrolado. Quantos dias você já gastou com esta caixa?

André ficou olhando durante alguns instantes para a tampa toda trabalhada com roseiras.

— A melhor moça neste mundo merece o melhor presente de casamento — ele disse.

Pegando a talhadeira e o martelo, ele começou a trabalhar onde havia dois nomes e uma data esculpidos:

**André & Brígida**

**1539**

De repente Pedro teve uma ideia.

— André, quero lhe fazer uma pergunta. E se você não se casar este ano...? Não acha que deveria ter deixado a data até na véspera do casamento?

— Sabe de uma coisa? Eu já pensei na mesma coisa.

Olhando para o espaço durante alguns momentos, ele disse devagar:

— Mas creio que vai dar tudo certo...pelo menos, espero que dê.

— Por que acha que vai dar certo?

— Você está sabendo do encontro que vamos ter com os irmãos da Morávia neste fim de semana?

— Estou.

— Pois bem, fiquei sabendo hoje que o bispo Peter Riedemann estará presente.

Muito interessado nesta notícia, Pedro exclamou:

— Mesmo?! É o mesmo Peter Riedemann que tem ajudado muitos irmãos a fugir da Morávia, não é?

— É sim — respondeu André, também com voz animada.

— Que coisa boa! Nunca achei que desse certo eu conhecer o bispo Peter Riedemann!

Pedro parou de falar e olhou para seu amigo.

— Agora eu entendi. Se o bispo vier, aí você e Brígida podem se casar. Por isso você está tão apressado para terminar a caixa de enxoval. Rapaz! Daqui a uma semana você será um homem casado!

As últimas palavras de Pedro caíram nos ouvidos dos demais funcionários. A vinda do bispo sempre era um acontecimento importante. A igreja em Steinborn tinha quatro diáconos, que na ausência de um pastor assumiam a direção da igreja, embora sem celebrar a Santa

Comunhão, batismos e casamentos. Era por isso que a chegada dos bispos itinerantes era tão esperado.

Jacó parabenizou o noivo, e do torno onde trabalhava, Pedrão fez o mesmo, acrescentando que se lembraria do casal em suas orações.

André e Brígida haviam comunicado seu noivado à irmandade há poucos meses, com o casamento dependente da chegada do bispo, o que estava para acontecer.

Pedro sabia que André havia passado muitos dias, inclusive noites, na marcenaria fazendo duas cadeiras, um pequeno armário e uma cama para seu futuro lar. A caixa de enxoval era seu presente para a noiva, feita com todo carinho.

Pedro estava cheio de perguntas:

— Onde vocês vão morar? O que Brígida está achando?

— Por enquanto vamos morar com meus pais, até ter uma casa disponível. Quanto a Brígida, ela está toda alegre. Precisa de ver as roupas de cama que ela já fez. São dignas dos aposentos de um rei.

Fazendo de conta que estava chateado, Pedro disse:

— Tudo isso é ótimo para você, mas onde é que eu fico nesta história toda?

— Como assim?

— A nossa amizade. Depois de casado você vai se esquecer que existe um tal de Pedro nesta terra. Você não virá aqui mais para trabalhar.

André riu. Dando uma olhada crítica na caixa que estava lixando, disse:

— De forma alguma me esquecerei de você. Inclusive você está se esquecendo que ainda vou ter que fazer uma mesa e uma estante para a nossa casa. Não, meu amigo, você não ficará livre de mim tão fácil assim. Tem apenas

um detalhe, se eu resolver trabalhar de noite, ela virá comigo.

— Boa ideia! Ela pode ser a sua lixadeira.

— Tenho certeza de que o serviço dela ficaria bom — respondeu André, convicto de que tudo que ela fazia era perfeito.

Dentro de uma semana André estaria casado. Pedro estava muito alegre, mesmo sabendo que isto teria certas consequências na amizade dos dois. André sempre havia sido como um irmão mais velho, sempre prestativo e bondoso para com ele. Com paciência respondia a todas as perguntas de André.

Em algumas ocasiões Pedro contara seus problemas espirituais a André. Ele se lembrou da vez que trabalhara para Martinho Blöcher e este o acusara de ser frouxo no serviço. Acontece que Pedro ainda se recuperava de uma gripe que lhe atacara e na realidade nem deveria estar trabalhando na lavoura. Martinho e seus outros empregados sabiam disso, mas não deixavam passar uma oportunidade de acusá-lo de ser mole. Bastava vê-lo bebendo água, para sair um comentário como: “Com sede de novo? Impressionante como você está com sede o tempo todo quando deveria estar trabalhando.”

Ou quando Pedro não conseguia acompanhar os outros empregados no serviço, comentários como: “Quem sabe você devia tirar o chumbo de suas botinas para não ser tão vagaroso.”

Tudo isso resultara numa mágoa profunda. O próprio Martinho tinha fama de ser mole no serviço. Para Pedro, que tinha fama de ser trabalhador, ser acusado de preguiçoso por Martinho o deixou muito magoado. Várias vezes ele teve uma má resposta na ponta da língua, mas achou

melhor virar a outra face e ficar calado. Sendo que ele era recém convertido, sabia que a regra do “olho por olho” não vigorava mais. Mesmo assim, a mágoa que sentia no fundo do coração o deixava muito triste.

André havia percebido que alguma coisa não estava certa e chamou Pedro para uma conversa em particular. Ao descobrir qual era o problema, animou-o a levar tudo a Deus em oração e de amar aqueles que “disserem todo o mal” contra ele. Pedro suspeitou que André também falara com Martinho, pois daquele dia em diante as perseguições pararam. Com muita oração Pedro conseguiu amar Martinho, apesar de sua natureza difícil.

Leonardo Blöcher, o pai de Martinho, também tinha uma natureza muito difícil; ele era um homem instável que vivia reclamando de alguma coisa. Quando a irmandade se reunia para resolver alguma questão, ele se sentia no dever de sempre apresentar pensamentos contrários. Quando Pedro pensava em seu próprio pai, um homem firme, fundamentado na fé, alegre e disposto a ajudar os outros, ele sentia dó de Martinho.

— A chegada do bispo vai ter um significado especial para você também, não é Pedro?

— Como assim, André?

— Você será batizado, não será?

— Batizado?

Pedro ficou pensativo durante alguns momentos.

— Eu não sei. Decerto vai depender muito do parecer dos diáconos, se eles acharem que eu e os outros convertidos já estamos prontos para o batismo. O bispo Riedemann também vai nos interrogar sobre a nossa fé, não vai?

— Vai sim.

— Eu desejo muito ser batizado, e no entanto...

— No entanto, o quê?

— Bem...não sei se estou pronto para assumir a responsabilidade de ser membro da igreja. Não sei se sou digno de fazer parte do povo de Deus.

André citou da Bíblia:

— “Não por obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, ele nos salvou mediante a lavagem da regeneração e da renovação pelo Espírito Santo.” Não, você não é digno de fazer parte do povo de Deus. Ninguém é! Mas pelo sangue de Cristo nos tornamos dignos do seu amor.

Na distância ouviu-se o sino do relógio na praça central batendo cinco horas da tarde. Pedrão guardou suas ferramentas e o rapaz parou de tocar a manivela do torno. Jacó e Cornélio guardaram seus martelos e tiraram do fogo o pote de cola. Todos os funcionários se dirigiram à porta, tirando de suas roupas a serragem. Na porta vestiram suas blusas e saíram no frio.

Pedrão parou na porta e deu mais uma olhada na marcenaria para ver se estava tudo em ordem. Saindo para a rua, viu que Pedro o esperava para voltarem para casa juntos.

Enquanto andavam, observavam as nuvens escuras que escondiam o sol. Nos morros em volta dava para ver as florestas de pinheiros e as clareiras onde os agricultores plantavam suas lavouras.

Pedro acabou de abotoar sua blusa de frio para enfrentar o vento gelado que soprava do norte.

— O Sr. Blötter tem razão. O ar está frio e úmido — disse o filho.

— Está. Vamos andar depressa para chegar em casa logo.

Por todo lugar que se olhava havia pessoas saindo para jantar.

Andando na rua, Pedro se lembrou da sua infância quando sonhava em um dia ser da altura de seu pai. Agora, com 19 anos de idade, percebeu que nunca seria do tamanho dele. Isso, no entanto, não o impediria de procurar ser da altura espiritual de seu pai.